

## A trajetória do engenheiro e campeão de natação Cláudio Kestener

*Matéria preparada pelo jornalista Alexandre Asquini, editor do BOLETIM AEAMESP, e editada em 2006 no site da AEAMESP como material adicional do NOSSO JORNAL, publicação impressa para associados, que permaneceu até 2009.*

Agora em março, o engenheiro eletrônico e campeão de natação Cláudio Mamede Kestener, 45 anos de idade, completou 19 anos na Companhia do Metropolitano de São Paulo. Ele trabalha no Departamento Técnico de Operação, Coordenadoria de Serviço de Tráfego, no prédio da CCO, no Paraíso.

Foi nesse endereço que ele recebeu a reportagem de **Nosso Jornal** para falar um pouco de sua mais recente conquista – duas medalhas de prata dos Jogos Regionais Sudeste do SESI, competição disputada entre os dias 8 e 10 de dezembro de 2006 na cidade de Resende no Rio de Janeiro – e de algumas de suas muitas conquistas anteriores, em especial, a participação na prova final de revezamento quatro estilos nas Olimpíadas de Moscou, em 1980.

Na competição de Resende, o Metrô-SP obteve outras medalhas: Sara Maria Quaglio (OPS), conquistou a medalha de ouro nos 50m costas e bronze nos 50m nado livre. Com o ouro, ela se classificou, pelo SESI, para o Mundial da categoria, disputado em Blumenau, Santa Catarina. Ainda em Resende, competiu pelo Metrô-SP Casio Watanabe, que ficou em quarto lugar no 50m nado de peito.

## O PROFISSIONAL

Engenheiro eletrônico, Claudio Mamede Kestener estudou no Mackenzie. “Formei-me em 1985 e acabei entrando no Metrô em 1988. Trabalhei antes uma empresa fornecedora do Metrô, que lidava com o sistema de rádio-comunicação”. Há cerca de dez anos, ele fez um concurso interno e passou, tendo sido promovido, embora a vaga fosse para a área de material rodante. “Então, optei em mudar de área e foi um desafio, até, porque acabava pegando com outros sistemas, que tem eletrônica também, mas tem mecânica e tem outras coisas que tive que começar a mexer. E foi legal. E está sendo legal”.

## O COMEÇO NA ÁGUA

“Eu nado desde os seis anos de idade. Eu nadava no Esporte Clube Pinheiros, participando de campeonatos estaduais, no brasileiro e fui fazendo uma carreira em natação, na época, ainda amadora”

## FILHO DE PEIXE

O pai de Cláudio, Rolf Egon Kestener – falecido – era uma nadador amador. “Ele trabalhava e nadava, mas competiu na Olimpíada de Londres, em 1948. Também sempre jogou pólo aquático”. Um belo dia, casou-se, teve filhos e parou um pouquinho, mas, depois que os filhos cresceram, voltou a nadar, já na categoria ‘master’ . “Ele batia recordes, foi diretor de pólo aquático do Pinheiros, fazia travessias. Gostava disso!. Era um aficionado!”, conta o filho. Cláudio explica que o pai teve um problema de cora o e morreu uma semana antes de participar de uma competi o para o qual estava inscrito. “Há quem pergunte: ‘mas ele nadava e tudo mais?’. O que a gente responde   que, talvez, se ele não nadasse, pudesse ter tido o problema cardíaco muito antes”.

## DEDICA O COMO EXEMPLO

Cláudio lembra que o pai era um pessoa que se dedicava muito   atividade esportiva e crê que seguiu os passos dele. E ressalta que o pai fez dos filhos nadadores. “Ele teve quatro filhos e os quatro foram nadadores – bons nadadores e bons jogadores de pólo-aquático” O mais velho, Raul Mamede

Kestener, foi jogador de pólo da Seleção Brasileira. Cláudio, o segundo filho, foi para Olimpíada de Moscou, disputou o Sul-Americano, a Copa Latina, e foi varias vezes campeão brasileiro universitário, estudantil, além de, no ano passado, ter-se sagrado campeão brasileiro na categoria 'master', na sua faixa etária. O terceiro filho, Silvio, foi campeão brasileiro e a irmã mais nova, Mônica, também participou de campeonatos a sul-americanos, tendo sido várias vezes campeã brasileira..

## HÁ QUASE 40 ANOS

No Pinheiros, há, anualmente, uma Festa do Atleta. “A primeira de que eu participei foi em 1968, Já era campeão estadual mirim. Eu nadei desde essa idade...tudo tendo altos e baixos”. Ele frisa que o seu clube sempre incentivou a natação. “A gente participava dos campeonatos, realizava viagens internacionais. Tinha todo um esquema nesse sentido para motivar os jovens atletas a participar”.

## LIÇÕES

No decorrer da conversa, Cláudio mostra o que o esporte lhe ensinou: na vida não temos apenas vitórias. “Nessas competições, eu tanto ganhava como perdia. Lembro que, numa ocasião, houve a possibilidade de uma viagem para o Japão, mas eu não me classifiquei. Talvez isso pudesse ter sido uma ducha de água fria nas minhas pretensões como nadador, mas, no fundo, acabou me estimulando. Eu falei para mim mesmo: vou treinar mais! E continuei treinando; dois anos depois, acabei indo para a Olimpíada de Moscou”.

## SEMPRE NO PÓDIO

Ao longo dos anos 70, já adolescente, Cláudio participou de competições estaduais e de campeonatos brasileiros estudantis, chegando a campeão nacional. “Todos os anos, há o Troféu Brasil e Troféu Julio Dellamare, o brasileiro das diferentes categorias, então, eu participava sempre e, no mínimo, pegava o pódio: segundo, terceiro, ganhava revezamento. Como já disse, eu era um atleta bem dedicado”.

## ATLETA 'ADOTADO'

Por volta de 1975 começou a campanha “Adote um Atleta”, articulada pela Prefeitura de São Paulo, pela qual empresas privadas ajudavam atletas promissores. Cláudio foi ‘adotado’ por uma empresa fabricante de materiais esportivos, a Adidas. Tratava-se de uma ajuda pequena, uma bolsa de estudo de aproximadamente um salário mínimo. Ele permaneceu como atleta adotado até 1980, quando participou das Olimpíadas.

## CORRER ATRÁS DE PISCINAS

“Nessa época, eu treinava tanto no Pinheiros como no Ibirapuera. Eu nadava para caramba! Eram duas etapas, numa delas fazia o treino referente à campanha ‘Adote um Atleta’, no conjunto do Ibirapuera, que, entretanto, não dispunha de piscinas. “A gente ia atrás de piscinas para poder nadar. Só depois é que foi inaugurada a piscina nova no Centro Olímpico, do Ibirapuera, mas isso já era bem perto de 1980 ou em 1980 mesmo”.

## O MELHOR ANO

Cláudio considera 1980 seu auge como nadador. Não chegou a ser campeão brasileiro da sua prova, tendo ficado em segundo lugar por milésimos, mas, ao participar do Sul-Americano, na Argentina, superou o atleta que o havia vencido no Brasil. Participou também da Copa Latina, em Madri também em 1980. “Aí surgiu a última oportunidade de ir para a Olimpíada em Moscou; foi em uma eliminatória, aqui mesmo, no Brasil, porque, na minha prova ninguém tinha atingido o índice estabelecido pelo Comitê Olímpico Brasileiro”. Nessa eliminatória, Cláudio bateu o recorde brasileiro e aí foi convocado para ir para a Olimpíada, justamente para participar do revezamento quatro estilos. “Em Moscou, chegamos à prova final, ficando em oitavo lugar. Batemos o recorde sul-americano também”.

## UMA EQUIPE E TANTO

“Para mim foi o máximo participar de uma final de Olimpíada!” , diz Cláudio. Seu grupo no revezamento quatro estilos era formado por excelentes nadadores. Um deles era Rômulo Arantes, muito bom no nado de costas; ele se tornou ator e faleceu num acidente de ultraleve no ano 2000. O outros

eram Sérgio Ribeiro, do Rio Grande do Sul, no estilo nado de peito e Jorge Fernandes, do Rio de Janeiro, no nado livre. Cláudio nadou no estilo borboleta. “O maior destaque nossa equipe em Moscou era Djan Madruga”, diz Cláudio, assinalando que ele integrava o grupo que conquistou medalha de bronze nos 4x200m livre, junto com Marcus Laborne Mattioli, Ciro Marques Delgado e Jorge Luiz Leite Fernandes

## EMOÇÃO

Mas, como seria participar de uma Olimpíada? “Ah, é indescritível!. Infelizmente, naquela época não tinha tanto dinheiro para ter os registros. Tenho fotografias apenas.”, diz, garantindo que irá se empenhar para conseguir outras imagens, inclusive filmes feitos por Djan Madruga. Muitos dizem que essa foi a Olimpíada mais bonita; sobre isso, diz: “Eu também acho, mas sou suspeito. Teve aquela coisa do ursinho Misha – todos se lembram dele!”

## IMPRESSÕES DA RÚSSIA

Quando Cláudio foi a Moscou, vigorava ainda a Guerra Fria, com um bloco de países comunistas oposto ao bloco de países ditos ‘ocidentais’; então, ele conheceu um país que, naquele instante, era um pouco nebuloso para a maior parte das pessoas do Brasil. Ele diz: “É diferente. Um país bonito! Eu gostei muito! Bem arborizado. Estilo europeu. Prédios baixos. As propagandas que se via na rua eram só as políticas, mesmo, com muita cara do Lênin. E mensagem valorizando o trabalho”.

## SEGURANÇA

As Olimpíadas de Moscou tiveram boicote de 60 países, coordenados pelos Estados Unidos, em razão da a então União Soviética ter invadido o Afeganistão. Além disso, havia o trauma recente das Olimpíadas de Munique, em que atletas de Israel foram atacados e mortos por um comando terrorista. “Por tudo isso, a segurança era muito forte. Eu tenho amigos, pais de amigos que eram fissurados em Olimpíadas – eles assistiam a todas – que foram a Moscou, porém, para entrar em contato comigo era muito difícil. Eu ainda podia sair de onde os atletas ficavam, por opção minha, mas não havia a menor possibilidade de eles entrarem na vila olímpica para falar com a

gente”. Mas, independentemente do rigor da segurança, para Cláudio, a Olimpíada é realmente um evento diferente. “A cidade toda muda. É uma cidade muito bonita”, diz, acrescentando que durante os jogos assistia provas de outros esportes.

## REGRESSO

“Eu não tinha idéia na minha cabeça de que eu iria viver do e fui estudar, ter uma profissão” Estava na hora de tomar uma decisão e o esporte me ajudou. No Mackenzie, obtive bolsa de estudo para competir por essa universidade, que tem uma área esportiva bem desenvolvida e mantém disputas tradicionais com outras universidades. Nessa fase, foi campeão brasileiro universitário e campeão invicto na Mack-Med – disputa entre o Mackenzie e a Faculdade de medicina da USP – por cinco anos consecutivos. E também jogou pólo-aquático por sua universidade.

## OUTRO MOMENTO

Ainda na primeira metade dos anos 80 acabou reduzindo a nataçãõ competitiva pelo clube, mantendo apenas as competições pela universidade. Em seguida, se formou, começou a trabalhar, casou-se e vieram os filhos e teve que diminuir bem as competições. “Só não parei totalmente por duas razões. Primeiro, o meu pai, que, com aquela história de continuar no ‘master’, sempre me chamava e eu ia. Depois de algum tempo, já na segunda metade dos anos 90, começou a possibilidade de participar das competições do SESI, já como empregado do Metrô”.

## AMBIENTE ESTIMULANTE

Cláudio elogia a iniciativa do SESI. Ele diz que todos esses campeonatos têm um ambiente muito gostoso de confraternização, com atletas das mais diferentes origens profissionais. E é um ambiente parecido com o que encontrava na fase em que atuava no esporte altamente competitivo, com estímulo à competição e à participação. As provas deram a ele estímulo para participar com mais afinco, pois via seus concorrentes animados para tentar um objetivo maior, como participar de um campeonato mundial.. No Brasileiro do SESI em 2000, em Brasília, ele foi vice e quase se classificou para o mundial. “Dois anos depois disso entro no Metrô a Sara Maria Qualio

(OPS), que é nadadora muito boa; ela tinha nadado quando adolescente e voltou a treinar, estimulada por essa participação no SESI. Ela foi para os mundiais da Itália e de Portugal e agora participou desse em Blumenau”, concluiu.